

ANOTAÇÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE MONSTROS NAS MOEDAS GREGAS*

*Maria Beatriz Borba Florenzano***

FLORENZANO, M.B.B. Anotações sobre a representação de monstros nas moedas gregas. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 5: 223-234, 1995.*

RESUMO: Se quisermos compreender o caráter da moeda na Antiguidade grega é indispensável que a analisemos sob diferentes pontos de vista. Com efeito, a moeda além de instrumento de troca e de medida de valor, participava de um conjunto mais amplo de objetos impregnados de funções mágicas ou religiosas. À própria imagem escolhida como tipo monetário, subjazia um caráter apotropaico – “alexíkakos” – que ao fixar uma energia divina invocava proteção. Neste sentido, a representação de monstros atuava como uma fixação de poderes maléficis de sorte a anulá-los, de acordo com o princípio da magia simpática de que “o símile bane o símile”. Por outro lado, como objeto, a moeda poderia funcionar como amuleto, se pendurada ao pescoço. Quando deixada em locais sagrados, cumpria a função de aplacar alguma divindade de sorte a dar proteção ao ofertante.

UNITERMOS: Função apotropaica da moeda grega – Monstros e apotropaismo – Moeda como amuleto.

As imagens monetárias na Grécia arcaica e clássica

Ao estudarmos as imagens representadas nas moedas gregas, o que primeiro salta aos olhos é, sem dúvida, a sua grande variedade. Em sendo a emissão monetária um monopólio do Estado e em estando a Hélade dividida em inúmeros pequenos Estados, nada mais natural que cada um tivesse a

sua própria moeda. Era, com efeito, o que ocorria: cada cidade-estado suficientemente rica para ter acesso a um metal precioso (em especial a prata) e para manter atividades que implicassem o uso da moeda, tais como o comércio, a execução de obras públicas, a arrecadação de impostos, a guerra, emitia, ainda que nem sempre com regularidade, suas próprias moedas.

Apesar da enorme variedade de tipos monetários¹ que esta prática provocava, é possível, hoje,

(*) Devo a Thomas Martin a idéia desta reflexão sobre a representação de monstros nas moedas gregas. Agradeço a ele a oportunidade de expor minhas idéias e de discutí-las com classicistas durante uma palestra no Holy Cross College (U.S.A.) em 1994. Uma primeira versão deste texto foi apresentada durante o Encontro Nacional da SBEC de 1995, no Rio de Janeiro. Agradeço a Haignuch Sarian os comentários feitos na ocasião e as indicações bibliográficas principalmente no que diz respeito às comparações de representações monetárias com a iconografia das gemas e dos amuletos antigos. Por fim,

sem o estímulo dado pelo Grupo de Trabalho sobre “Os Sentidos do Apotropaico”, organizado pela própria Profa. Sarian, e sem a troca de idéias sobre a religião grega com Elaine Hirata, este pequeno artigo não teria sido possível.

(**) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(1) “Tipo monetário” é o termo técnico empregado em estudos numismáticos para indicar o conjunto das representações de anverso e de reverso de uma moeda.

identificar um traço comum a uma boa parte dessas representações. Este traço diz respeito à íntima associação dos tipos monetários gregos com o poder emissor. É ponto pacífico entre os especialistas que as moedas gregas trazem figuras de significado emblemático e heráldico que revelam características específicas do Estado emissor: elementos do reino vegetal ou animal, referências imediatas aos produtos típicos ou a aspectos físicos da localidade (a vinha em Naxos, a espiga em Metaponto, o atum em Túrio; o *silphium* em Cirene); divindades cultuadas regionalmente ou fundadoras da pólis e os seus atributos (Taras e o golfinho em Tarento, Atena e a coruja em Atenas, Zeus e o raio em Olímpia); elementos foneticamente relacionados ao nome do Estado emissor (a foca Φώκη em Focéia, a rosa ρόδον em Rodes, o aipo σέλινον em Selinonte, a foice ζάγκλον em Zancle).

Estas representações figuradas encontravam seu caminho nas moedas gregas por motivos muito variados. São representações geográficas ou mítico-religiosas que de uma maneira ou de outra satisfaziam as necessidades do poder político constituído fosse ele democrático, oligárquico, tirânico. Assim, eram escolhidos tipos que simbolizavam a comunidade como um todo, outros que serviam para divulgar o prestígio de governantes únicos e outros ainda que se referiam claramente a grupos pequenos que haviam se instalado no poder da cidade. A moeda, através destas imagens emblemáticas, foi, durante toda a Antiguidade, um importante veículo de afirmação política, que ultrapassava os limites mais estreitos do poder emissor e se impunha no mercado diante das outras comunidades, próximas ou distantes.

Do ponto de vista de uma interpretação geral como esta – que é comumente adotada para a iconografia monetária grega e pela qual um tipo monetário é o emblema de alguma qualidade característica, de alguma virtude ou vantagem do poder emissor – como encaixar, como entender, a representação de monstros nada benfazejos? Como compreender a imagem do Minotauro das moedas de Cnossos, monstro nascido de uma união entre Posidão e Pasífae, mulher de Minos, e que, aprisionado no labirinto, devorava jovens todos os anos? Que interpretação dar à Quimera das moedas de Sicione, animal fantástico, meio leão e meio cabra e serpente que devastava plantações e que vomitava chamas? E porque a Gorgona aparece nas moedas de Neápolis, o Pégaso nas de Corinto, a pantera alada

nas de Panticapeum, o grifo nas de Abdera e nas de Teos, o hipocampo nas moedas de Siracusa ou o touro adroprosopo em tantas moedas como as de Gelas, Neápolis na Campânia, e as da Acarnânia?

É evidente que todas essas representações têm a ver com algum episódio lendário da cidade emissora: o Pégaso, afinal, foi domado por Belerofonte no local da fundação de Corinto, a pantera alada era a guardiã das minas de ouro setentrionais, o touro androprosopo era a figuração do poder fertilizador dos rios e assim por diante. Mas porque justamente monstros são os escolhidos para simbolizar a cidade emissora e não outros heróis ou divindades protetoras?

A resposta a esta questão só pode ser encontrada, no nosso ver, através de uma análise da iconografia monetária grega feita à luz das práticas religiosas e da religião grega como um todo; através da definição de pontos de comparação entre as imagens monetárias e as outras imagens criadas pelos gregos e através da compreensão do objeto “moeda” não apenas como uma medida de valor e um instrumento de troca mas como um suporte especial de imagens religiosas.

O que são monstros

Começemos pela definição de monstro. Em português, a palavra monstro designa “tudo o que é contra a ordem regular da natureza” ou ainda “um animal que no todo ou em algumas das suas partes se afasta da estrutura ou da conformação natural dos da sua espécie ou sexo” (*Dicionário da Língua Portuguesa* de Laudelino Freire). Esta é a definição dada também por Festo (146, 32) aos monstros: “chamamos monstro aquilo que excede os modos naturais: por exemplo, uma serpente com pés, um pássaro com quatro asas, um homem com duas cabeças, um fígado que se dissolve na cocção”. Já Lucrécio (V, 837-854 e 878-924) nos diz que monstros são, por um lado, os órgãos dispartados, que nascidos da terra estão destinados a perecer imediatamente, sem responder aos *foedera naturai* e, de outra parte, são as imagens mentais puramente oníricas que pela união de elementos heterogêneos fazem crer na existência de seres vivos tais como os centauros.

Acrescente-se a estas definições o fato de que em latim, normalmente, a palavra *monstra* (neutro plural) podia também designar um fato prodigioso,